

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

Eduardo Fernando Montarroyos Ventura

ANÁLISE DO CULTO RELIGIOSO
A forma aceitável à luz da Antiga e Nova Aliança

São Paulo

2022

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO

ANDREW JUMPER

Eduardo Fernando Montarroyos Ventura

ANÁLISE DO CULTO RELIGIOSO

A forma aceitável à luz da Antiga e Nova Aliança

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Pastorais. Orientador Professor Leandro Antônio de Lima.

São Paulo

2022

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

V468a	<p>Ventura, Eduardo Fernando Montarroyos.</p> <p>Análise do culto religioso : [recurso eletrônico] a forma aceitável à luz da antiga e nova aliança / Eduardo Fernando Montarroyos Ventura.</p> <p>66 KB ;</p> <p>Monografia (Magister Divinitatis) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023.</p> <p>Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Leandro Antônio De lima.</p> <p>Referências Bibliográficas: f. 32-34.</p> <p>1. Culto. 2. Adoração. 3. Sacramentos. 4. Liturgia. 5. Princípio.. I. De lima, Leandro Antônio, <i>orientador(a)</i>. II. Título.</p>
-------	---

Bibliotecário(a) Responsável: Eliezer Lírio Dos Santos - CRB 8/6779

Eduardo Fernando Montarroyos Ventura

ANÁLISE DO CULTO RELIGIOSO
A forma aceitável à luz da Antiga e Nova Aliança

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis*, (MDiv) na área de Estudos Pastorais. Orientador Professor Leandro Antônio de Lima.

Aprovação 28 / 11 / 2022

Orientador: Professor: Leandro Antônio de Lima

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: **Eduardo Fernando Montarroyos Ventura**

Programa: MDiv

Título do Trabalho: Análise do culto Religioso: A forma aceitável à luz da Antiga e Nova Aliança

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades
- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Parcial das Mensalidades

ANÁLISE DO CULTO RELIGIOSO

A forma aceitável à luz da Antiga e Nova Aliança

Eduardo Fernando Montarroyos Ventura¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo fazer uma análise do tema presente no capítulo sobre o culto religioso da Confissão de Fé de Westminster. O artigo faz análise da forma aceitável da adoração de culto à luz das Escrituras, bem como se propõe a identificar os elementos de culto e seu uso no contexto da Antiga e Nova Aliança.

PALAVRAS-CHAVE

Culto; Adoração; Sacramentos; Liturgia; Princípio; Ordem.

INTRODUÇÃO

A concepção sobre culto solene ou qual a maneira certa de cultuar é motivo de grandes debates nos dias atuais. A revolta contra a igreja, como instituição religiosa, cresce a cada ano. A pós-modernidade também já se transformou em um estilo de vida, essa tem grande relevância ao tema proposto, pois encontra-se presente no centro do culto das principais denominações atuais, que expressam publicamente defender o legado

¹ O autor tem Licenciatura Plena em História pela UNICAP (Recife-PE), é Bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Fundamentalista (Recife- PE), pós-graduado em Teologia Exegética pelo Seminário Presbiteriano do Norte (Recife-PE) e cursa o Mestrado em Divindade na área de Pregação no CPAJ. É pastor titular na Igreja Presbiteriana Memorial em Muribeca (PE).

protestante. Conforme denunciou Zygmunt Bauman: “as estruturas estão se decompondo em face dos Tempos Líquidos”².

Existem muitas divergências quanto ao objetivo de culto e para quem ele está sendo prestado. O antropocentrismo, versus o contexto bíblico e “teocêntrico”, onde dispomos como principal objeto de adoração o próprio Deus³.

O teólogo Terry L. Johnson afirma: “As formas de adoração tradicional têm sido substituídas pelas formas engendradas pela cultura contemporânea” (JOHNSON, 2001, p.9)⁴. Existem divergências nas questões da conciliação entre a adoração tradicional e as formas modernas. Se podem, de fato, conviver no mesmo espaço. Divergências em até que ponto essas formas engendradas podem estar no culto.

Essa flexibilidade litúrgica, seja em questão de ordem ou princípio de culto, causa verdadeiros rachas em várias igrejas. A pregação no culto é diminuída em sua concepção de tempo, dando espaço para uma série de louvores ou até invocações da cultura atual. Será que essas mudanças são válidas, ou mudam o foco dentro das ordenanças bíblicas? Tal assunto é de suma importância para o povo de Deus e suas instituições.

Este artigo tem como objetivo fazer uma análise sobre a forma aceitável da adoração à luz das Escrituras, bem como se propõe a identificar os elementos de culto e o seu uso no contexto da Nova Aliança. Logo após o aprofundarei quanto ao elemento da pregação e mostrarei a sua importância como centro do culto religioso.

Para o reformador João Calvino, dentro do culto racional, a criatividade humana deve estar submissa à instituição divina, pois o Deus Trino, que é adorado, estabelece os princípios e as normas para este ato; portanto, o que determina a forma do culto não deve ser um critério puramente estético e sentimental, mas sim espiritual, teológico e racional, todos subordinados à revelação⁵. O culto cristão deverá ocorrer sempre na liberdade do Espírito e dentro dos parâmetros da Palavra⁶, sendo assim a exposição da Palavra deve ser o centro. O culto espiritual é estabelecido por Deus⁷.

² BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p.7.

³ BRAICK, Patrícia Ramos. *Estudar História: das origens do homem à era digital*. São Paulo: Moderna, 2011, p.119.

⁴ JOHNSON, L. TERRY. *Adoração Reformada. A adoração que é de acordo com as Escrituras*. São Paulo: Puritanos, 2001, p. 9.

⁵ Cf. GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 317.

⁶ COSTA, Hermisten Maia Pereira da. *O culto Cristão na Perspectiva de Calvino*. São Paulo: Instituto Presbiteriano Mackenzie, 2003, p.78.

⁷ CALVINO, João. *As Institutas*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989, II.8.17.

Segundo o teólogo contemporâneo Kevin Reed em sua resenha ao livro de John Frame, também um teólogo contemporâneo que publicou um dos livros mais polêmicos da atualidade em relação ao culto, intitulado “Em Espírito e em verdade”. Kevin afirma que Frame reivindica abraçar o Princípio Regulador, a Confissão de Westminster, e outras formulações históricas do culto reformado. Contudo, sob exame cuidadoso, o leitor verificará que Frame na verdade se afastou dos parâmetros históricos do culto reformado⁸. Portanto, para John Frame, o culto verdadeiro também pode ser aceito distanciando-se do princípio Regulador ou Confissão de Fé de Westminster, os quais ambos se baseiam na Bíblia, o que acaba abrindo portas para uma série de conjecturas sobre como Deus quer ser adorado fazendo com que, em alguns casos, a pregação seja negligenciada.

Já Edmund Clowney afirma que os chamados “segredos do coração”, que Paulo nos recomenda manifestarmos em 1Co 14:24, fazem parte de um "evangelismo doxológico". Como ele afirma: “Mas evangelismo, estudo bíblico, comunhão e assuntos administrativos da igreja, não são propósitos ou fins para o qual a assembleia se reúne e não se deve permitir que o culto seja deturpado, tornando-o algo que ele não é” (JONHSON, 2001, p.21)⁹. Podemos entender que Clowney defendia uma adoração explicitamente limitada às normas e dentro do contexto das escrituras.

Em Martinho Lutero, podemos encontrar uma terceira vertente bastante usada nas igrejas protestantes chamada de “Princípio Normativo do Culto”. Para o reformador, a música, por exemplo, tem a mesma relevância de uma pregação, quando nela são colocadas passagens e aplicações bíblicas. “Depois da teologia, a música é o lugar mais próximo e de mais alta honra¹⁰” (LUTHER, 1951, N.7034). Como vemos, este assunto gera uma série de debates e divergências entre diversos teólogos.

O objetivo será pesquisar as características do modo aceitável de cultuar a Deus, bem como os critérios que indicam isso. Apresentar o culto religioso e suas mudanças dentro da Nova Aliança em relação ao Antigo Testamento, detalhar quais os elementos exigidos no ensino bíblico para o culto religioso. Por fim destacar a pregação da palavra como centro do culto. Para alcançar o objetivo proposto, se fará uma pesquisa

⁸ REED, Kevin. resenha de “em espírito e em verdade” de John frame. Revista “Os Puritanos”, XIV, no IV. p.1. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/resenhas/resenha_Frame_Kevin_Reed.pdf

⁹ JONHSON, L. TERRY. Adoração Reformada. A adoração que é de acordo com as Escrituras. São Paulo: Puritanos, 2001, p. 21.

¹⁰ MÓDULO, Parsifal. Nach der Theologia der Musica den nächsten Locum und höchste Ehre. (Luther, 1951, n.7034).

bibliográfica, priorizando análises bíblicas sobre o culto, bem como teólogos evangélicos que tenham refletido e escrito sobre o assunto investigado.

1. O MODO ACEITÁVEL DE ADORAR

1.1 O chamado à adoração

Adorar a Deus é a obrigação de todo crente. Existem algumas passagens na Bíblia que remetem a esse “chamado”. O livro de Hebreus consiste em nos mostrar a superioridade da Nova Aliança sobre a Antiga. Segundo Guthrie, nenhum livro do NT prega mais o AT que Hebreus¹¹. Por ser este uma verdadeira enciclopédia de referências da Antiga Aliança, a fim de respaldar a superioridade do ministério de Cristo.

O capítulo 10 mostra o contraste entre a fraqueza da antiga aliança e a glória da nova. Passagens como: “nunca jamais pode tornar perfeitos os ofertantes” (Hb.10:1) e “é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados” (Hb.10:4) evidenciam essa inferioridade. Já com a nova aliança, o autor afirma: “Remove o primeiro para estabelecer o segundo” (Hb.10:9).

O sacrifício de Cristo é superior (Hb.10:12-13) claramente entendemos o efeito glorioso da sua obra. A citação do salmo 110:1, ressalta, conforme afirma Guthrie, que o sacrifício de Jesus não precisa ser repetido¹², isso, em contraste com as séries de repetições dos sacerdotes do AT, é nitidamente superior.

Sua única oferta trás uma santificação perpétua (Hb.10:14). Essa superioridade e suficiência da obra de Cristo é a base para adorarmos a Deus de forma eficaz. O chamado a entrar no “Santo dos Santos”(Hb.10:19) é baseado na certeza desta obra perfeita. A palavra “παρρησίαν” (intrepidez) em Hb.10:19 remete a confiança que podemos ter ao entrar neste lugar de adoração¹³. O verso 19 inicia com a conjunção “οὖν” (portanto), já para entendermos que este bloco irá tratar de implicações diante das informações dos

¹¹ GUTHRIE. George H. Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento. Organizado por G.K. Beale e D. A. Carson; tradução de C.E.S. Lopes, F. Medeiros, R. Malkomes e V. Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014, p.1136.

¹² GUTHRIE. 2014, p.1197-1207.

¹³ KISTEMAKER, Simon. Hebreus. 2ª Edição. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004. Tradução de Marcelo Tolentino e Paulo Arantes, p.393-403.

versos anteriores. Lloyd-Jones fala de uma “Santa ousadia” que nos permite orar a Deus e nos achegarmos diante dele com confiança¹⁴.

A Nova Aliança é superior, pois agora, não apenas o Sumo Sacerdote entra neste santo local, mas todo o povo por quem Jesus derramou o seu sangue. Diferente de todo o ritual sacerdotal, para entrar no “ἅγιων” (Santo dos Santos), em Ex.30:17-21 podemos ter uma boa referência desse “lugar sagrado” no AT, o foco de Hebreus 10 encontra-se no interior de cada indivíduo. Ou seja “com sincero coração”(v.22), “em plena certeza da fé”(v.22), “tendo o coração purificado de má consciência”(v.22). Tom Wright é bem direto ao interpretar o termo “προσερχώμεθα” (aproximar-se) como “vir ao culto”¹⁵. Todo esse entendimento tem implicações diretas com o relacionamento que temos entre os outros irmãos e também a respeito da adoração ao Senhor. Segundo Kistemaker, a falta de amor está diretamente ligada ao desinteresse nesta adoração, a ausência neste serviço¹⁶.

Hb.10:25 fala-nos sobre a importância de nos congregarmos entre os irmãos. Aqui é melhor traduzido como “Não deixando de *sinagoga*” (ἐπισυναγωγήν), ou seja, acredito que já no contexto do NT, o autor está nos convidando a nos apresentarmos em reunião de culto. Matthew Henry afirma que era dever, a partir dos tempos apostólicos, a reunião de cristãos para a adoração a Deus e edificação mútua¹⁷. E o próprio autor de Hebreus irá nos mostrar que alguns não tinham esse costume, ou seja, o texto nos remete ao “entrar no Santo dos Santos”. Na prática, esse ato é a reunião congregacional de culto.

Wright destaca o real motivo pelo qual muitos cristãos não se reuniam naquela época: A perseguição à igreja. Em sua pesquisa histórica, ele afirma que simplesmente era mais fácil não aparecer diante de tamanhas perseguições¹⁸. Já Kistemaker julga como uma notória falta de interesse¹⁹, entendo que as duas ocasiões se completam. Provavelmente, existiam aqueles que se aproveitavam da perseguição para justificar-se diante da desobediência. Entretanto, Hebreus é enfático quando diz que isso não poderia ser usado como desculpa, já que a recomendação é precisamente contrária ao problema deste contexto. A ordem aqui é para que “ façamos admoestações” (παρακαλοῦντες) a fim

¹⁴ LLOYD-JONES, David Martyn. Um sumo sacerdote misericordioso e fiel: estudos no livro de Hebreus. Tradução de Marisa K. A. De Siqueira, São Paulo, Vida Nova, 2020, p.125-136.

¹⁵ WRIGHT, Nicholas Thomas. Hebrews for Everyone. Westminster John Knox Press, 2004, p.114-117.

¹⁶ KISTEMAKER, Simon. 2004, p.393-403.

¹⁷ HENRY'S, MATTHEW. Commentary on the whole Bible. Volume VI. Acts to Revelation. Casa Publicadora das Assembleias de Deus, RJ, 2008, p.796.

¹⁸ WRIGHT, Nicholas Thomas. 2004, p.114-117.

¹⁹ KISTEMAKER, Simon. 2004, p.393-403.

de que tal situação não seja um impeditivo na prática de cultuar. Acredito que o sentido deste termo do v.25 traga uma vontade mais encorajadora, a fim de mostrar a importância do culto para aqueles que não estavam frequentando.

Além de adorarmos ao Senhor no Santo dos Santos da nova aliança, devemos estimular outros a participar conosco desta Santa Convocação. Antes de tudo, necessitamos fazer admoestações, ou seja, convidar os irmãos a se aproximarem da adoração a Deus. Hebreus 9.11-12 já tinha dito que assim como nós (e antes de nós) Cristo já havia entrado no Santuário e obtido plena redenção. Essa passagem remete a de Hebreus 10, pois a primeira aponta para a segunda. Assim como Ele entrou, também devemos ter uma santa ousadia a fim de também entrarmos. A santificação deve ser buscada dentro do Santo dos Santos, ou seja, no contexto da Nova Aliança, na reunião do culto solene.

1.2 Conceitos sobre o culto à luz da Natureza

O Senhor manifesta-se em sua criação a ponto de quando apenas contemplamos o que ele criou, incluindo o dom da vida, isso já nos torna indesculpáveis se não adorarmos e glorificarmos o nome dEle.

Em Romanos 1:19-20 Paulo afirma: “porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus os manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis;”. Mesmo que nesse contexto o autor esteja realçando a ira de Deus, nos dois versículos ele mostra o quanto o ser humano é indesculpável em não adorar a Deus. O Pai torna-se visível às nossas percepções mentais, espirituais e até físicas²⁰. Paulo enfatiza os meios e auxílios que a humanidade teve para chegar ao conhecimento do Pai. Embora ela não tivessem um conhecimento de sua lei que Jacó e Israel tiveram (Sl 147:20), contudo, houveram vários atributos que manifestam a glória e existência de Deus. Existiam alguns dentre eles que tinham o conhecimento de Deus, estavam convencidos da existência de um ser supremo. As filosofias de Pitágoras, Platão e dos estoicos descobriram muito do Conhecimento de

²⁰ VELOSO, MARIO. Romanos: contando o significado do evangelho. Tradução Lucinda dos Reis Oliveira. Tatuí, SP. Casa Publicadora do Brasil, 2011, p.43-50.

Deus, como se vê pela grande quantidade de testemunhos; o que se pode conhecer, isso implica que há muito que não foi nem será conhecido por nós.

Matthew Henry afirma que o SER de Deus pode ser apreendido, mas não compreendido²¹, ou seja, não podemos descobri-lo pela busca puramente humana. O entendimento finito não conhece perfeitamente um ser infinito; mas, graças a Deus há aquilo que nos fora permitido ser conhecido, o bastante para nos conduzir ao nosso fim principal, que

é glorificá-lo e desfrutar dEle; como afirma a primeira questão do catecismo de Westminster “1. Qual é o fim supremo e principal do homem? O fim supremo e principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre.” Esses conhecimentos revelados pertencem a nós e aos nossos filhos, enquanto os secretos não devem ser absorvidos. Através da manifestação de Deus, o ser humano pode tirar inúmeras descobertas. Essas noções naturais comuns que os homens tinham de Deus foram impressas em seus corações pelo próprio Deus da natureza.

O poder, a divindade de Deus são elementos invisíveis, e, no entanto, são claramente vistos em suas obras. Deus manifesta sua criação, e nisso torna conhecido seu poder e divindade. O ser humano não poderia chegar pela luz natural ao conhecimento de três pessoas da Divindade, mas chegaria ao conhecimento da Divindade, pelo menos um conhecimento suficiente para mantê-lo afastado de idolatria.

Paulo escreve: “por meio das coisas que foram criadas.” (Rm.1:20), ou seja, não poderiam ter sido feitas por si mesmas, nem poderiam ter uma ordem e harmonia tão certas pelo próprio acaso; e por isso devem ter sido produzidas por alguma causa primeira ou um agente inteligente, de maneira que a causa primeira não poderia ser nenhuma outra senão o próprio Deus poderoso e eterno. Segundo Gordon Clark, não reconhecer o Deus Criador é um nível grande de estupidez da humanidade, tal ato o leva à idolatria a ponto de adorarem a criação e não o Criador (pássaros, animais e até répteis)²².

O trabalhador é conhecido por sua obra. A variedade, multiplicidade, ordem, beleza, harmonia, natureza diversa e projeto excelente das coisas que são feitas, a direção delas para certos fins, e a contribuição de todas as partes para o bem e beleza de tudo, é prova do Deus criador e do seu eterno poder e divindade.

²¹ HENRY'S, MATTHEW. Commentary on the whole Bible. Volume VI. Acts to Revelation. Casa Publicadora das Assembleias de Deus, RJ. 2008, p. 312.

²² CLARK. GORDON Romanos. Projeto Gordon Clark. Traduzido por Igor Paz. Disponível em: <http://escrituralistascarismaticos.blogspot.com/2018/05/romanos-gordon-h-clark.html>. Acesso em 14 de março de 2022.

A constituição e estrutura do corpo humano, e especialmente os mais excelentes poderes, faculdades e capacidades da alma humana, provam, com fortes argumentos, que há de fato um Criador por trás da história da humanidade e que Ele é Deus. Esses conhecimentos a respeito de Deus não são nenhuma descoberta moderna, de última hora, mas verdades antigas, que vêm desde o princípio. Henry conclui: “Não glorificar Deus como Deus é, na verdade, não glorificá-lo de forma alguma; respeitá-lo com uma criatura não é glorificá-lo, mas desonrá-lo.” (HENRY`S, MATTHEW. p.313)²³.

Outro versículo chave para este tópico é o Sl. 19:1-6. O salmista, diretamente, nos conduz a considerar as obras invisíveis de Deus, cuja existência é de fato evidente, cuja glória brilha de forma transcendentalmente e radiante nos céus visíveis, na estrutura e beleza deles; e na ordem e influência dos corpos celestiais. Neste versículo pode-se perceber vários elementos que notificam a presença e glória de Deus: Os primeiros deles são os céus e o firmamento, ou seja, a vasta extensão de ar, e éter, e as esferas, e planetas, e estrelas fixas. O homem tem essa vantagem acima de todos os seres, na estrutura do seu corpo.

Dia após dia e noite após noite falam da glória desse Deus que no princípio fez a separação da luz e da escuridão, e que, desde o começo, até os tempos atuais, preservou e consagrou a ordem sem variação, de acordo com a aliança de Deus com Noé (Gn. 8:22) que, enquanto a terra durar dia e noite não acabarão, no que pode-se perceber um equilíbrio entre a aliança da providência e a aliança da graça. Assim como no reino da natureza, também no reino da providência. Ele forma a luz e cria as trevas (Is 45:7) e coloca uma contra a outra. Ele não só glorifica a si mesmo, mas nos gratifica por essa constante revolução, porque, como a luz da manhã faz amizade com os negócios do dia, assim também as sombras da tarde fazem amizade com o descanso da noite. Calvino vai comentar que a mera harmonia da criação já prova que tais elementos não vieram do acaso²⁴. Cada dia e cada noite falam acerca da bondade de Deus, e quando eles terminaram o seu testemunho, levaram-no para o dia seguinte, para a noite seguinte, a fim de continuar o mesmo.

Essa declaração acerca da Glória de Deus é feita para todas as partes do mundo. Assim está escrito: “não há linguagem, nem há palavras” (Sl. 19:3), ou seja, sem nação, pois as nações foram divididas pelas suas línguas²⁵. Em outro trecho diz: “no entanto toda

²³ HENRY`S, Matthew. Volume VI, p.313.

²⁴ CALVINO, JOÃO. O livro dos Salmos. Volume I. 1ª Edição. Edições Paracletos. São Paulo, 1999, p. 413.

²⁵ CALVINO, JOÃO. Volume I. 1999, p.416.

a Terra se faz ouvir a sua voz e as palavras, até os confins do mundo.” (Sl. 19:4) proclamando o poder eterno da natureza de Deus. Paulo irá usar essa passagem em Rm 10:18 como argumento, porque os judeus não deveriam zangar-se com ele e com outros por pregar o evangelho aos gentios, pois Deus já havia se revelado ao mundo dos gentios pelas obras da criação e não deixou que faltasse testemunha entre eles, de maneira que não tinham desculpas se quisessem ser idólatras. Se Deus usou tais meios para prevenir a sua apostasia e eles se provaram sem efeito, os apóstolos fizeram bem ao usar outros meios para recuperá-los .

Nesse aspecto, Henry conclui: “Todas as pessoas podem ouvir as pregações naturais e imortais serem faladas para elas na sua própria língua, no que se refere às maravilhosas obras de Deus” (HENRY’S, MATTHEW. p.272)²⁶.

2. PANORAMA HISTÓRICO:

2.1 O princípio Regulador:

Princípio regulador do culto é a designação dada ao modo como os puritanos interpretam a relação entre o culto cristão e o segundo mandamento. De acordo com esta perspectiva, Deus só deve ser adorado da forma que Ele mesmo requer nas Escrituras Sagradas. Para entender melhor o Princípio Regulador do Culto, deve-se perceber a diferença entre o princípio e a forma de se cultuar a Deus: O princípio do culto é recebido por orientação divina. Todo princípio é prescrito por Deus. Qualquer atitude relacionada a Ele, com significado religioso e moral, deve se basear em ordenanças divinas, ou seja, na Bíblia. A igreja recebe todas as ordenanças do culto da parte de Deus, como foram reveladas nas Escrituras. Ela deve obedecer a todas as ordenanças divinas e não possui autoridade para adicionar ou subtrair algo ordenado por Deus.

A forma do culto não diz respeito ao conteúdo ou à cerimônia, mas refere-se ao que é “comum às ações e sociedades humanas”. A única forma de alguém entender o princípio da adoração é estudar a Bíblia e ver o que Deus ordena. No entanto, a forma do culto independe de instruções bíblicas explícitas. Crentes e incrédulos sabem, por exemplo, que ar-condicionado é útil para conduzir uma reunião em locais que apresentam climas quentes, também entendem a necessidade de acomodação, iluminação, vestuário

²⁶ HENRY’S, MATTHEW. Commentary on the whole Bible. Volume III. Acts to Revelation. Casa Publicadora das Assembléias de Deus, RJ. 2008, p. 272.

e aparelhos de som. Além disso, varia-se a escolha prévia de um horário para a realização da reunião. Existem muitos aspectos comuns entre reuniões civis e religiosas independentes de instruções bíblicas específicas. Essa é a forma, ou aspectos secundários, do culto. Entretanto, se, por exemplo, alguém desejar mudar o dia do culto de domingo para qualquer outro dia da semana, não estará mexendo apenas na forma, e sim no princípio bíblico estabelecido como “Dia do Senhor”.

Isso é provocar Deus, porque reflete sobre sua honra, como se Ele não fosse sábio para designar a forma do próprio culto. Deus abomina fogo estranho oferecido em seu templo (Lv 10.11). Segundo Thomas Watson, uma simples cerimônia pode, com o passar do tempo, conduzir ao crucifixo. Para o teólogo, quem contende pela cruz no batismo, não pode obter também o óleo, o sal e o unguento?²⁷. De fato, é uma grande atitude de arrogância e estupidez imaginar que homens pecaminosos possam melhorar as ordenanças de Deus. Muitas pessoas afirmam que o Princípio Regulador é bastante taxativo. Alegam que ele “confina o Espírito” e reprime a criatividade humana. Declaram ser uma reação exagerada aos abusos cometidos pelo catolicismo romano. Com isso, o ser humano tende a ser cada vez mais humanista, dentro do culto isso também está muito presente, os cristãos não têm ideia do quanto as influências iluministas e antropocentristas estão presentes no culto atual. O ser humano, em sua natureza caída, sempre preferirá o culto centrado no próprio homem. O homem pecador é sempre atraído pelo entretenimento (“palmas”, “pisar forte”, grupos de rock, peças de teatro, solos musicais, cantores populares). As inovações humanas não cessarão até que a igreja pare de achar que existe alguma possibilidade de agradar a Deus à parte da bíblia.

O próprio John Knox, a fim de combater esses “impulsos humanos”, desenvolveu uma liturgia à luz da sua interpretação bíblica, que fora usado pelos escoceses até 1645. Ele tomava por base a ordem do culto das igrejas reformadas de Estrasburgo, Frankfurt e Genebra. A atitude de John Knox e dos primeiros presbiterianos para com as orações comuns da “*Order*” era limitar seu uso ao treinamento dos ignorantes na arte da oração²⁸. Mesmo assim, esse treinamento deve ser tratado como algo secundário e não como princípio, pois é baseado, mas não é a escritura. Os próprios reformadores entendiam isso.

²⁷ WATSON, Thomas. *A Body of Divinity* (London: Passmore & Alabaster, [1692]1881), p. 267.

²⁸ SCHWERTLEY, Brian. *O Princípio Regulador do Culto*. Tradução e edição: Rogério Portella. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/liturgia/principio-regulador-culto_brian.pdf>. Acesso em 17 de março de 2022.

Calderwood declara que ninguém está preso às orações desse livro; elas foram estabelecidas apenas como exemplos, colocadas como modelos²⁹.

Práticas que jamais foram prescritas nas Escrituras Sagradas devem ser completamente descartadas em um culto religioso para os praticantes do Princípio Regulador. Eles entendem que alguns pastores e conselhos, julgando de forma errada terem “carta branca” para definir sua própria liturgia, negam aquilo que juraram em sua ordenação e incluem, de uma forma rebelde, “fogo estranho” no culto público. Os diversos exemplos disso são as danças litúrgicas, coreografias, entre outros exemplos já mencionados neste capítulo; porém, isso é uma visível quebra do Princípio Regulador do Culto defendido por diversas denominações reformadas ao longo dos anos. Igrejas reformadas, de fato, adotam e defendem a Bíblia como centro do culto.

O princípio regulador é a comprovação que tudo o que fazemos na adoração corporativa (junto com pessoas) deve estar baseado na Escritura. Dentro das igrejas verdadeiramente reformadas, sempre haverá certas similaridades para nossas reuniões eclesiais, mesmo quando a igreja estiver no outro lado do mundo. Cada igreja cristã tem recebido o mesmo Novo Testamento. A bíblia nos dá instruções sobre como devemos nos comportar corporativamente.

A substância ou conteúdo de nossas reuniões devem ser os mesmos: As boas novas de que Cristo morreu, foi sepultado e ressuscitado é a mensagem que devemos proclamar. Essa deve ser nossa confiança quando oramos, deve ser celebrado enquanto cantamos, deve estar claro quando pregamos e administramos os sacramentos. A pregação, o louvor, a oração, a leitura da Escritura, dízigimos e ofertas e os sacramentos. Nosso Deus não estará satisfeito com uma adoração “do meu jeito”, ou “como eu quero adorá-lo”, Ele está interessado que saibamos como adorá-lo da forma que Ele deseja e apenas Ele seja digno dessa adoração.

Quantos cultos existem hoje sem ordem, onde de fato pergunta-se em que momento Deus está sendo adorado e, conseqüentemente, se agradando desse culto. É importante compreender que o princípio regulador aplicado ao culto público liberta a igreja de atos de estupidez e desobediência.

Martinho Lutero relatando sobre o Princípio Regulador, nos diz que o culto a Deus em nenhum lugar é estabelecido, exceto em Seus mandamentos. Pois, sem dúvida, aquele

²⁹ HEWISON, J. King. *The Covenanters* (Glasgow: 1908), vol. 1, p. 41-4.

que serve a Deus e a Ele somente, guarda os Seus mandamentos;³⁰ Lutero era muito convicto no seguinte quesito: O que não estivesse na Bíblia não poderia ser usado como culto a Deus. Não apenas ele, mas todos os puritanos. De fato essa é uma grande divergência no meio protestante atualmente.

Matthew McMahon relata em seu artigo que os puritanos desejavam um culto simples e bíblico; regulavam-no pelas Escrituras, em vez de realizarem de acordo com a vontade deles mesmos. Eles não tinham qualquer desejo de oferecer “fogo estranho”, embora esse fosse bastante “estimulante” ao auditório, ou seja, não estavam interessados em montar um “show”³¹.

2.2 O Culto e seu contexto histórico

O culto tem uma continuidade histórica com séculos passados. Isso irá ajudar a nos livrarmos de qualquer modismo do culto atual a que muitos sucumbem. O culto religioso não é somente reformado segundo as Escrituras, mas também informado segundo a História da Igreja.

O teólogo Daniel R. Hyde escreve “expressam sua opinião relatando que podemos começar uma igreja e decidir por nós mesmos como queremos cultuar, ou pior ainda, como a comunidade, em torno de nós, quer que o culto seja”³². Essa é uma realidade de muitas igrejas, os pastores adaptam a maneira de adorar a Deus nos cultos porque os irmãos não gostam da forma correta. É importante saber o que a igreja fez no passado e por que o fez. A adoração reformada, de fato, é histórica porque nos conecta ao passado revelando o porquê do presente e nos levará a um futuro glorioso com o Senhor.

Robert G. Rayburn irá nos explicar que as formas tradicionais de liturgia da igreja tem grande valor, quando, pelos adoradores, são adequadamente utilizadas e compreendidas por aquilo que são³³. Como igrejas reformadas, seguem-se a sabedoria e herança dos reformadores protestantes do século XVI. Nossos antepassados protestantes não ignoraram tudo o que aprenderam em seus anos na Igreja Católica ao começarem a

³⁰ LUTERO, Martinho. *The Precious and Sacred Writings of Martin Luther*, volume 10 (Minneapolis: Lutherans in All Lands, 1905). Tradução: Lucas Macedo.

³¹ MCMAHON, Matthew. O princípio regulador do Culto. Publicado em 27 de novembro de 2016. Artigo disponível em: <<http://reformados21.com.br/2016/11/27/o-principio-regulador-do-culto-2/>>. Acesso em 17 de março de 2022.

³² HYDE, Daniel R. O que é o culto reformado? Os Puritanos. São Paulo, 2012, p. 48

³³ RAYBURN, Robert G. O Come. Let Us Worship. Grand Rapids: Baker, 1980, p.32

reformular a liturgia da igreja em suas regiões. Os protestantes reformaram a liturgia da Igreja Católica de acordo com as Escrituras, bem como as liturgias da igreja antiga. Eles viram uma história e tradições fiéis nas liturgias antigas da igreja. Essas serviram como testemunho da vida. Os resultados foram diversas obras reformadas, como os manuais de culto, tais como João Calvino e também a defesa religiosa de Martin Bucer.

Os primeiros quatro séculos da existência da igreja são vistos como um tempo em que o culto cristão era bíblico, quando o falso evangelho de Roma e seu culto idólatra não havia infectado ainda a essência do evangelho. Os reformadores deixaram de lado a missa medieval e suas idolatrias repletas de conteúdos extrabíblicos. Deve-se entender que os reformadores não criaram algo novo jamais cultuado, o que experimentamos no culto das Igrejas Reformadas fiéis é um culto bíblico em sintonia com as liturgias históricas da igreja antiga dos séculos II e IV, as quais foram revividas e ouvidas novamente durante o maior período revolucionário da história, perdendo apenas para a vinda de Cristo: A Reforma Protestante.

Um das primeiras descrições do culto vem do “Didaquê”, um manual de como a igreja deveria se orientar em várias atividades, escrita e aprovada pelos próprios apóstolos. Neste documento fala-se do culto com batismo, pregação, ceia do Senhor, jejum e oração. Segundo este manual, no momento da Ceia do Senhor, a igreja, primeiro, deveria confessar seus pecados diante da Eucaristia e logo após orar sobre o cálice de vinho, segundo, existe a oração sobre o pão, e terceiro, há a ação de graças após a comunhão. Algo muito parecido com o que praticamos hoje em nossos cultos reformados.

Plínio o Moço, governador da Ásia Menor, que escreveu uma carta ao imperador Trajano a respeito da perseguição aos cristãos, entre outras coisas³⁴. Essa missiva também é de grande importância para a formação da liturgia reformada, pois aprendemos que nos primeiros séculos, os cristãos reuniam-se duas vezes no Dia do Senhor, antes de amanhecer para cantar a Cristo e se obrigarem juntos em uma vida comum de moralidade, ou seja, uma possível referência ao estudo dos Dez Mandamentos, e outra vez para partilhar da comida, uma possível referência à Ceia do Senhor.

No ano de 155 depois de Cristo, o teólogo Justino Mártir escreveu a obra “Primeira Apologia” com a intenção de mostrar ao César de Roma, na época, Tito, a verdadeira natureza do cristianismo. O culto do Dia do Senhor que Justino descreve ao imperador, divide-se em dois: O culto da Palavra e o Culto da Eucaristia. Daniel R. Hyde

³⁴ HYDE, Daniel R, p. 51

afirma que na descrição de Justino sobre o culto, notamos o quão simples ele era. Da mesma forma, seu foco é a Palavra de Deus e o sacramento da Santa Ceia³⁵. Seguindo esse modelo básico, os reformadores largaram de vez o culto existente em seus dias imposto pela Igreja Católica, a missa medieval, toda a sua idolatria e conteúdo extra bíblico.

A palavra “liturgia” pode soar estranha aos ouvidos de muitos evangélicos atuais. Infelizmente, para a maioria, esse termo sugere um culto excessivamente formal, rígido e sem vida, mero tradicionalismo herdado do passado. Por isso existe uma grande aderência em muitas igrejas por um estilo de adoração mais “espontâneo” e participativo, sem fórmulas pré-estabelecidas. No entanto, essa maneira de cultuar a Deus se desvia dos padrões bíblicos e históricos reformados, sendo assim, uma rebeldia contra a Bíblia e, conseqüentemente, contra Deus.

As novas convicções teológicas introduzidas pela Reforma Protestante resultaram em uma profunda reformulação do culto católico e da sua liturgia na era medieval. O princípio da “Sola Scriptura” fez com que a Bíblia passasse a ocupar um lugar muito mais destacado do que antes.

Alderí Souza conclui que a ênfase no sacerdócio de todos os crentes implicou maior participação dos fiéis no culto a Deus. Agora, os pontos focais da liturgia eram o púlpito e a mesa da comunhão³⁶. É importante ressaltarmos isso devido ao absurdo que encontramos na forma de liturgia imposta pela igreja católica, ao longo de toda a Idade Média a qual proibia e, conseqüentemente, fazia de tudo para impedir seus participantes de ler ou ter contato com as sagradas escrituras. Este ato abriu portas para a grande onda de heresias pregadas por padres no culto católico e fora dele, tirando assim qualquer chance de os fiéis consultarem e confrontarem esses falsos líderes. Homens que tiveram o acesso e liam frequentemente as escrituras, iniciaram a reforma, que, na verdade, nem era esse o objetivo da maioria deles. Martinho Lutero, inicialmente, apenas revisou a missa latina, não desejando abolir completamente o serviço litúrgico-católico, e sim purificá-lo dos acréscimos indevidos.

³⁵ HYDE, Daniel R, p. 54

³⁶ MATOS, Alderí Souza de. *Liturgia e culto: reflexões à luz das Escrituras e da história cristã*. Publicado em Fevereiro de 2010. Alderí é doutor em história da igreja pela Universidade de Boston e historiador oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil. Artigo disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/322/liturgia-e-culto-reflexoes-a-luz-das-escrituras-e-da-historia-crista>> . Acesso em 12 de novembro de 2022.

Com o tempo, a palavra “liturgia” foi popularizando-se no ambiente cristão. Segundo Alderi Souza, a liturgia vem do grego “*leitourgia*”, que significava: O serviço público prestado por um cidadão. Cristianizada, a palavra passou a expressar o serviço espiritual a Deus e, o conteúdo e a sequência das partes do culto cristão, caracterizado por diferentes graus de formalidade³⁷. Os cristãos antigos elaboraram liturgias padronizadas porque culto a Deus tinha de ser harmonioso e com ordem. A liturgia servia a esses dois propósitos. Não se podia permitir que o culto a Deus fosse improvisado. Outro motivo foi para que a igreja tivesse um senso de coesão. O fato de que todas as igrejas locais seguiam, essencialmente, os mesmos padrões de culto na reforma, contribuía para esse senso de comunhão.

Hoje, muitas pessoas que se denominam “cristãs” abandonaram formas litúrgicas de culto em nome de uma falsa liberdade, ilegítima espontaneidade. O culto se desvirtuou em muitas igrejas, sendo marcado pela irreverência, superficialidade e preocupação prioritária com as necessidades humanas (casos de testemunhos substituindo a exposição da Palavra), e não com a Glória de Deus. Nesse contexto, muitos crentes estão buscando igrejas que valorizam os padrões bíblicos do culto e seguem a recomendação paulina à igreja de Corinto em 1 Co 14:40: “Tudo, porém, seja feito com decência e ordem.” (ARA).

3. O CULTO RELIGIOSO NO CONTEXTO NA NOVA ALIANÇA

3.1 Em contraste às restrições do Antigo Testamento (Os Sacrifícios)

Seja no AT ou NT, o culto é descrito essencialmente como serviço e seu caráter é essencialmente redentivo. No Antigo Testamento, a adoração era prescrita e controlada, era litúrgica. Desde o início da história bíblica, o ser humano vive para prestar glórias a Deus, vive para cultuá-lo. Já em Gênesis, vemos um exemplo de uma oferta de culto que agradou ao Senhor e outro que o desagradou: A fé possibilitou a Abel ter sua oferta aceita pelo Senhor (Hb 11.4). Caim não obedeceu às instruções que estão subentendidas em Gn 4.7 e, conseqüentemente, teve sua oferta rejeitada por Deus. Ele só aprova o culto sincero.

³⁷ MATOS, Alderi Souza de. <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/322/liturgia-e-culto-reflexoes-a-luz-das-escrituras-e-da-historia-crista>> . Acesso em 12 de novembro de 2022.

No período do tabernáculo, a habitação simbólica de Deus, embora portátil, era um palácio. Todo o tabernáculo e seus utensílios expressavam a pessoa de Deus, Seus atributos, Sua presença, Seu relacionamento com o povo, e como este povo respondia a Deus. No período de Esdras e Neemias, o povo de Israel voltou do exílio babilônico e houve um retorno à Lei de Deus, que começou a ser lida perante o povo. O templo foi restaurado, os sacerdotes voltaram à atividade, os sacrifícios e as ofertas tornaram a ser feitos.

O culto no AT era centralizado no Deus que reivindica e espera isso de Seu povo³⁸. O pecado tinha que ser coberto, a expiação e propiciação foram feitas por Cristo em nosso favor. Os sacrifícios do Antigo Testamento apontavam para aquilo que Cristo iria fazer. No Antigo Testamento não havia culto nem adoração sem sacrifícios, e também deveria ter o altar. Para nós, não há culto sem o significado da cruz, não há culto sem Jesus Cristo, o que foi imolado e que agora reina. Além disso, a adoração deve incluir ofertas, e os sacrifícios deviam expressar gratidão. Não havia lugar para a mesquinhez no culto.

No culto autêntico, Deus fala e o homem se cala, medita e responde. Com a pregação fiel e dotada de autoridade da Palavra, Deus é honrado e glorificado, os descrentes são desafiados, os crentes são edificados, exortados, e a igreja é fortalecida com “trigo”. A adoração certa também deve ser fruto de um correto entendimento da lei, justiça e misericórdia de Deus. Sem a Palavra não há adoração e não importa quão emocionantes sejam os demais atos do culto.

O livro de Levítico é uma continuação direta do livro de Êxodo, pois explica os passos para entrarmos na Presença de Deus. John Goldingay deixa claro que este livro nos mostra os respectivos papéis do sacerdote e do ofertante³⁹. Levítico é a continuação para explicar o porquê de Moisés não entrar na tenda. Êxodo conclui que o tabernáculo é o local da habitação de Deus, ou seja, de encontro com Deus. O cap.1 nos mostra que o povo deveria ir (Levítico 1:2) a fim de usar animais como oferta, esse é o resultado de Gênesis 3: Sangue. Tal livro traz, em grande quantidade, a presença do elemento “sangue”, assim como o culto na Antiga Aliança.

Matthew Henry nos informa que o livro de Levítico serve para aumentarmos a nossa gratidão a Deus, pois através dEle nos livramos do jugo da lei cerimonial, e vivemos

³⁸ CUNHA, SILAS ARBOLATO. “O Culto no Antigo Testamento”. Artigo disponível pelo endereço: <<http://ultimato.com.br/sites/estudos-biblicos/assunto/igreja/o-culto-no-antigo-testamento/>> Revista Ultimato Online. Editora Cristã Evangélica. Visualizado em: 04 de julho de 2022.

³⁹ GOLDINGAY, JOHN. “Pentateuco para todos: Êxodo e Levítico”. Tradução: José Fernando Cristófal. 1ª Edição. Rio de Janeiro. Thomas Nelson, 2021. p.128.

nos tempos da reforma⁴⁰. O primeiro sacrifício que identificamos em Levítico é o de holocausto, tal prática e especificações nos revelam que todos tinham obrigação de participar, por isso nos é apresentado a diversidade de animais que poderiam ser sacrificados (três animais) do mais caro ao mais barato. As aves poderiam ser pegadas nos campos pelos pobres. Ou seja, a pobreza não isentava o povo de participar do sacrifício, tal princípio é crucial para a inclusão de pessoas de diversas classes sociais no culto da Nova Aliança. Os outros também irão seguir o mesmo padrão de inclusão. Não existia um sacrifício que só os ricos, ou somente os pobres poderiam participar.

É explícita a forma como Levítico aponta os elementos daqueles animais e o modo como era feito para o sacrifício de Cristo na cruz, Ele é o Cordeiro que vai abolir toda a essa obrigação para nós na Nova Aliança: “macho sem defeito” (Levítico 1:3), Cristo, o líder perfeito, Deus. “...à porta da tenda da congregação” (Levítico 1:3), deveriam oferecer em conexão com ao tabernáculo (Cristo), “E porá a mão sobre a cabeça do holocausto” (Levítico 1:4), este rito representava que o animal era como o adorador, para expiar os pecados, só poderia ser pela morte e sangue de alguém. O ato de por a mão sobre a cabeça representava também a substituição, afinal, era para pressionar a mão sobre ela (ou encostar-se a uma forte pressão). O adorador matava o animal, ele fazia o ritual que representava matar a si mesmo, reconhecendo a sua culpa, o novilho recebe toda a Ira de Deus, perante o tabernáculo, ou seja, perante Deus.

Logo após, os filhos de Arão (Levítico 1:5) aspergiam ao redor sobre o altar, somente os mediadores poderiam entrar no átrio com o sangue e fazer o ritual de expiação. Somente tendo Cristo como Sacerdote mediador, podemos entrar na presença de Deus. O ato de ser queimado, uma parte sobre a lenha desprezada e destruída, Henry comenta que tal ato simbolizava os sofrimentos de Cristo⁴¹, uma parte desprezada e outra sendo tratada de modo melhor: lançada sobre o altar, representando o favor. As entranhas e as pernas eram lavadas com água e queimadas sob o altar, subindo como aroma agradável ao Senhor. Cristo é o cordeiro que sobe, e nós subimos como aroma agradável porque estamos nEle. O objetivo é ser Aroma agradável ao Senhor, ou seja, esse é o foco da adoração. O tabernáculo não resolvia a solução do pecado (por isso a repetição desses sacrifícios), mas apontavam para a solução: Jesus Cristo.

⁴⁰ HENRY'S, MATTHEW. Commentary on the whole Bible. Volume I. Acts to Revelation. Casa Publicadora das Assembléias de Deus, RJ. 2008. p. 359.

⁴¹ HENRY'S, Matthew. Volume I. p.361.

3.2 O culto como “Sacrifício de louvor” (A Nova Aliança)

Toda a prática da Lei Cerimonial mencionada no ponto anterior é deixada de lado no ministério de Cristo. Em Hebreus 13, vemos que a própria Lei Cerimonial nos ensina tal verdade. Presencia-se uma profunda analogia com os elementos da Antiga Aliança. Kistemaker comenta que devemos frisar a palavra “altar” no v.10, para nos mostrar a estrutura antiga, ainda que não tenhamos altar em nossa adoração atual⁴². Já Wright afirma que essa era uma referência direta ao próprio “santuário celestial”⁴³. Termina-se o v.10 com a seguinte conclusão: No altar de Cristo não se pode usufruir aqueles que estão presos às sombras da Lei. O animal queimado fora do arraial apontava para Cristo (v.11-12) Cada elemento constituído nesta prática focalizava o Messias. Essa passagem aponta para Lv.16:27-28 que demonstrava um contexto de desonra, pois esse corpo era queimado junto a excrementos⁴⁴. No momento que a praticava-se a cerimônia, eles precisavam, urgentemente, tomar banho e lavar as vestes antes de entrar novamente. Ou seja, um contexto de humilhação. Também o sacerdote não comia a carne, ela era queimada. Esses homens, nesse momento, eram a nítida representação do pecado, eram impuros⁴⁵.

Esta Lei Cerimonial tem aspecto profético, pois o autor conecta tudo isso à obra de Cristo. O v.12 afirma que Jesus “sofreu para fora da porta” (ARA) Esse animal, morto em desonra, representava a humilhante morte do Messias. O paralelo aqui está no ministro do AT que não comia a carne deste animal (Lv.16), mas se esse ser irracional simboliza Cristo, o que o autor de Hebreus está nos dizendo é: Quem se mantém preso nas Lei Cerimonial não pode usufruir das bênçãos de Cristo. O paralelo está em dizer que a Lei Cerimonial já profetizava que quando Cristo morresse, para se alimentar dEle, seria preciso rejeitar a Lei Cerimonial. O ato do sacerdote não poder comer a carne (Lv.16) também profetizava que a contínua permanência na Lei Cerimonial excluiria muita gente do ministério de Cristo.

O convite para sairmos do arraial (v.13) é o completo abandono da estrutura cerimonial do AT, o tabernáculo, o Templo, o Altar de Ouro, as figuras, tudo isso perdiam o seu valor perto da Glória de Cristo. O culto no Novo Testamento é visto como uma forma de “sacrifício”. Augustus Nicodemus afirma que a passagem já mostra uma grande

⁴² KISTEMAKER, SIMON. Comentário do Novo Testamento, Exposição de Hebreus; traduzido por Marcelo Tolentino e Paulo Arantes. 2ª Edição. São Paulo. Cultura Cristã, 2013, p. 580-586.

⁴³ WRIGHT, Nicholas Thomas. 2004, p.171-175.

⁴⁴ GUTHRIE. 2014, p.1215-1217.

⁴⁵ KISTEMAKER, SIMON, p. 580-586.

diferença com o judaísmo, onde todos os sacrifícios eram feitos dentro do templo pelos sacerdotes. A ideia de que Cristo saiu desonrado para a cruz do calvário e que a ideia de “sair do arraial” é a de seguir a Cristo⁴⁶.

Ou seja: "saem definitivamente da Antiga Aliança". Em Levítico, o sacrifício era feito no altar, mas agora o sacrifício exigido por Deus é de louvor (sacrifício de louvor), ou seja, não sacrificamos animais, entretanto não deixamos de oferecer algo a Deus. Na Nova Aliança oferecemos o nosso louvor. Nicodemus irá comentar que esse louvor é a nova forma de sacrifício⁴⁷.

Kistemaker comenta o v.15 na ideia de que todos os sacrifícios materiais do AT se tornaram supérfluos em Cristo⁴⁸. O “sacrifício de louvor” segue o mesmo padrão do AT apenas na perspectiva que ele também deve ser oferecido continuamente, até o fim de nossas vidas. Henry acrescenta tal visão informando o que engloba esse tipo de sacrifício: Todas as nossas orações, adoração a Deus e as ações de graças⁴⁹.

A palavra louvor (*aineseôs*) não remete à, especificamente: cantar, mas é um termo grego geral sobre o ato de exaltar a Deus, seja no cântico, ou nas orações. Diferente de Tg.5:13 ou Ef.5:19 (*psalô*) onde o termo traduzido por “louvor” é estritamente ligado à música. O sacrifício de louvor são palavras de exaltação sendo dirigidas a Deus, um ato claro de adoração⁵⁰.

A continuidade dos sacrifícios, na Antiga Aliança, visava a ideia de que aqueles antigos sacrifícios nunca seriam suficientes para pagar os pecados do povo de Deus, a constante repetição também tinha essa finalidade didática em mostrar o quanto aquele ritual apontava para Cristo e também faz um comparativo explanando o que o sacrifício do Messias é perfeito, único e suficiente. Já as constâncias dos “sacrifícios de louvor” apontam para uma vida de gratidão que devemos ter diante do sacrifício do Messias, o qual veio e já morreu pelos nossos pecados. Kistemaker irá destacar que tal prática também era desenvolvida no AT, pois a expressão em Hebreus 13:15 “que é o fruto de lábios que confessam o seu nome” já era um termo usado em Oséias 14.2, o profeta irá

⁴⁶ LOPES, AUGUSTUS NICODEMUS. Interpretando a Carta aos Hebreus. São Paulo. Cultura Cristã, 2016, p.341.

⁴⁷ LOPES, AUGUSTUS NICODEMUS, p.341

⁴⁸ KISTEMAKER, SIMON, p. 580-586.

⁴⁹ HENRY'S, MATTHEW. Commentary on the whole Bible. Volume VI. Acts to Revelation. Casa Publicadora das Assembléias de Deus, RJ, 2008, p. 820.

⁵⁰ WRIGHT, Nicholas Thomas, 2004, p.171-175

estimular o povo de Israel a retornar e orar⁵¹. No AT existia o sacrifício e o ato de gratidão, e no NT existe o sacrifício perfeito (Cristo Jesus) e agora devemos seguir com a gratidão, assim como na igreja do AT. A afirmação de Gênesis 28:15 no v.5 deste capítulo é o sinal claro que Deus não se envergonha de ser chamado de nosso Deus⁵², e de que o cuidado dEle é evidenciado, quando entendemos como devemos adorá-lo. Diante das perseguições, tal afirmação era um incentivo e motivação aos hebreus⁵³, e assim deve ser conosco.

3.3. A centralidade da pregação no culto

É importante entendermos que o ápice do culto público está na pregação da Palavra. Em 1 Coríntios 12, Paulo nos admoesta: “Entretanto, procurai, com zelo, os melhores dons.” (ARA). Essa passagem parece uma possível divergência de seus ensinamentos, pois ele tinha acabado de ensinar sobre a diversidade dos dons e que esses não eram escolhidos pelos coríntios, mas pelo Espírito Santo a fim de distribuir “como lhe apraz” (1Co 12:11). Termina-se o cap.12 com a proposital dúvida: Existem ou não dons melhores que os outros?

Em seguida, o apóstolo fala sobre o fruto do Espírito do amor e sua aplicabilidade na vida da igreja. Todo o capítulo 13 é dedicado a passar aos coríntios o significado do verdadeiro amor. 1Co.13:1-3 é fundamental para entendermos que não adiantaria realizar feitos até impossíveis à luz da capacidade humana, sem amor. Sem esse fruto tão indispensável, Deus não aceitaria as obras daqueles irmãos.

Após falar da superioridade do amor sobre a fé e a esperança, Paulo retorna a sua linha de raciocínio sobre o uso dos dons a partir do primeiro versículo do cap.14. O verso um deste capítulo, já irá deixar claro que os coríntios deveriam procurar dons melhores, não em superioridade, mas na utilidade do mesmo para um momento específico, e ao valorizar o dom de profecia neste contexto, claramente Paulo tenta trazer ordem ao culto público dos coríntios. Nesse ambiente o dom de profecia deve ser mais valorizado e evidenciado. Kistemaker resume os versos 1 e 5 na seguinte frase: “que especialmente vocês possam profetizar”.⁵⁴ (KISTEMAKER, 2004).

⁵¹ KISTEMAKER, SIMON, p. 580-586.

⁵² LLOYD-JONES. David Martyn, 2020, p.211-222.

⁵³ GUTHRIE. 2014, p.1215-1217.

⁵⁴ KISTEMAKER, Simon. 1 Coríntios. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004. Tradução de Helen Hope Gordon da Silva, p.659-670

Em 1Co.14.2-5 Paulo é claro sobre a superioridade deste dom sobre o de línguas para o culto, pois o objetivo é trazer maior edificação para a igreja⁵⁵. O apóstolo faz o comparativo entre esses dois dons: “γλώσση” (línguas) e “προφητεύων” (profetizar) porque esses dois estavam sendo executados com muita frequência nas reuniões públicas daquele momento. Paulo não está negando nenhum dos dois dons, lembrando que essas línguas não eram “estranhas”, o próprio termo “γλώσση” remete ao que é parte do vocabulário humano, ou seja, “falar em outras línguas”, esse termo em nada conecta-se com a expressão “língua dos anjos”.

A pregação é o momento de maior clareza nesta reunião pública e solene, a fim de que o coletivo chegue ao entendimento da Palavra e Deus seja glorificado. Segundo Gordon Fee, a profecia supera o dom de línguas, pois é mais inteligível e, portanto, pode edificar os outros⁵⁶. “Edificação” é uma palavra bastante enfatizada no início do capítulo, visto que esse é o objetivo do que será chamado de “Ministério escatológico”⁵⁷, ou seja, a igreja do NT. O objetivo de Paulo, em valorizar o dom de profecia, está em trazer maior edificação à igreja. Se este, então, é o momento de maior clareza no culto, a ele deve ser investido maior tempo e importância. Na verdade tudo deve apontar para este momento, isso por ser o que Paulo considera mais apto e eficiente para a edificação da igreja.

Muitos atrelam o “dom de profecia” a estrutura de um “sermão preparado”, entretanto Gordon Fee detalha que o significado correto está na espontânea forma de falar ao povo de Deus para a edificação do todo⁵⁸. Entendo que o comentarista deixa claro que o sermão previamente preparado das igrejas contemporâneas seja apenas um método, em contraste com as grandes formas espontâneas de falar da Bíblia aplicados de forma errada por algumas igrejas que se dizem bíblicas, mas em sua essência não são. Diante da realidade que presenciamos nos dias atuais, com tamanha desordem no culto público e descaso com o que é pregado publicamente, o método do “sermão preparado” de fato é o mais seguro; visando não levantar a ira de Deus. Quanto mais focados num esboço estudado e revisado, maiores as chances de agradarmos a Deus no quesito: Edificação.

⁵⁵ CIAMPA, Roy E. E ROSNER, Brian S. Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento. Organizado por G.K. Beale e D. A. Carson; tradução de C.E.S. Lopes, F. Medeiros, R. Malkomes e V. Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014, p.920-924

⁵⁶ FEE, Gordon. 1 Coríntios: Comentário Exegético. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo. Vida Nova, 2019, p.825-835

⁵⁷ CIAMPA, Roy E. E ROSNER, Brian S. Vida Nova, 2014, p.920-924

⁵⁸ FEE, Gordon. São Paulo. Vida Nova, 2019, p. 825-835

O autor afirma que o dom de línguas aqui era fidedigno, pois seus membros falavam “πνεύματι” (no Espírito), mas ao mesmo tempo proferiam “μυστήρια” (mistérios). Acredito que esse termo se refere à dificuldade de entendimento diante do fato que outro idioma estava sendo proferido. Entretanto, o dom de profecia era superior, pois não precisava de outro dom para dar edificação a igreja, o dom de interpretação. A adversativa do v.3 “δὲ” (porém) remete a melhor utilidade da profecia como forma de melhor “οἰκοδομῆν” (edificação), ou seja, entendimento para o todo.

Segundo Kistemaker, o apóstolo não está mencionando uma edificação da “igreja universal” e sim uma congregação local⁵⁹. Repare que a esfera aqui é bastante restrita: O foco do apóstolo é no culto e nesta instituição local. É incoerente Paulo não falar especificamente sobre o culto público. Se o apóstolo mencionasse qualquer ambiente da vida cristã que não fosse este, negaria todo o seu argumento sobre o Espírito Santo escolher o dom para cada um dos membros. Se o apóstolo exorta para procurarmos o dom de profecia (1Co.14.1), a situação aqui tem que ser o culto público. Kistemaker sustenta tal argumento ao afirmar que o cenário para a profecia é um culto público, com momentos de louvor, oração e instrução em comunhão⁶⁰.

Para Calvino, o dom de línguas sendo praticado naquele contexto ou em qualquer culto público é prejudicial tanto para os crentes quanto para os descrentes: Para ele era extremamente perverso, da parte da igreja, dar pouca importância a um dom que gera imenso benefício aos que vivem fora da igreja, como a profecia, e aos crentes membros da igreja era um grande problema deixar-se fascinar por outro dom que resulta inútil aos que pertencem a família da fé, bem como colocar uma pedra de tropeço no caminho daquele que lhe são estranhos⁶¹. Numa assembleia de Cristo usar esse dom e ostentá-lo seria perfeitamente inoportuno, porque não seria de nenhum proveito para a assembleia, nem para a convicção da verdade e muito menos para edificação, porque simplesmente a maioria não compreendia (1Co 14.23), e nem podiam adquirir qualquer benefício sem compreender o que eles ouviam.

3.4. As consequências de um culto executado fielmente

⁵⁹ KISTEMAKER, Simon. Editora Cultura Cristã, 2004, p.659-670

⁶⁰ KISTEMAKER, Simon. Editora Cultura Cristã, 2004, p.659-670

⁶¹ CALVINO, João. 1Coríntios; tradução: Valter Graciano Martins- 2ª Edição- São Bernardo do Campo, São Paulo. Edições Parakletos, 2003, p.427-435

Atos 2.42:47 é muito claro para nós em relação ao que Deus faz com as pessoas que aprendem a “ser igreja” e a agir como tal. At.2.47 nos apresenta: “Mas, o Senhor estava acrescentando-lhes aqueles que estavam sendo salvos todos os dias” (ARA). Existe uma finalidade em usar o verbo no gerúndio, acompanhado de locução verbal com verbo principal também no gerúndio; enfatizar o processo estabelecido no texto é atribuído ao Senhor. O verbo auxiliar “προσετίθει” encontra-se no pretérito imperfeito do modo indicativo (estavam), isso indica um processo no passado, por isso é traduzido como “estava acrescentando”. Wallace sugere que o sentido desse verbo seja algo similar a: “E o Senhor estava continuamente acrescentando”⁶². σφζομένους é um particípio presente e passivo, ou seja, sugere uma ação temporariamente concomitante com o do verbo principal. Ou seja, do ponto de vista do tempo do verbo principal (προσετίθει), existe um processo continuado no presente, expresso pelo particípio (σφζομένους). Wallace irá destacar que o particípio presente oferece uma ação linear. Ele também pode ser relativo em tempo, irá nos informar que essa ação relativa de tempo é normalmente simultânea.

A ação de acréscimo à igreja é feita pelo Senhor, pois Ele é o responsável por essa ação. Serão salvos apenas aqueles que foram destinados à salvação, embora Deus seja a causa primária desta. Ele mesmo designou que o meio da expansão do Reino seria por meio da pregação do evangelho, isso torna cada um dos cristãos responsáveis pela propagação da Palavra. O fato de que Deus é a causa primária da salvação, não retira do cristão a responsabilidade em levar o evangelho. A comunidade primitiva entendia que a verdade era apresentada e defendida na comunidade dos salvos (a igreja) e não na vida isolada, à parte da comunidade cristã. Nesse sentido, entendemos que a intenção divina é que os salvos, pela Graça, desfrutem dos benefícios do convívio cristão mútuo em comunidade. Não existe benefício para o cristão na vida à parte do Corpo de Cristo.

Matthew Henry irá concluir que, nesse aspecto, Deus é o agente que acrescenta as almas à igreja⁶³. Esse fato gera um grande alívio e consolo nos ministros e cristãos. O fato é que a igreja em Atos era tão agradável ao Senhor que os próprios não crentes simpatizavam com ela, e Deus usava essa simpatia, força e fidelidade para, a cada dia, acrescentar mais crentes a sua igreja. Tudo isso em consequência a sua perseverança na doutrina dos Apóstolos, a qual inclui um culto para a glória de Deus. Afinal, são os

⁶² WALLACE, Daniel B. Gramática grega além do básico: uma sintaxe exegética do Novo Testamento. Harper Collins, 1996, p.546.

⁶³ HENRY'S, MATTHEW. Commentary on the whole Bible. Volume VI. Acts to Revelation. Casa Publicadora das Assembléias de Deus, RJ, 2008, p. 25.

apóstolos que instruem a igreja e mostram a maneira correta para glorificar ao Senhor em seu culto.

A consequência de uma igreja que pratica o culto da maneira certa é ser abençoada por Deus, ser forte, vibrante e respeitosa no meio em que vive. Isso não quer dizer que ela vai deixar de ter inimigos, pelo contrário, quanto mais obediência a Deus, maior a perseguição. Entretanto, ela será destaque no lugar em que convive. Em sua conclusão ao comentário do v.47 Henry irá relatar que aqueles que Deus determinou para a salvação eterna serão, mais dia menos dia, levados eficientemente a Jesus⁶⁴. E os que forem levados a Jesus serão acrescentados à igreja em um concerto santo pelo batismo e em comunhão santa pelas suas ordenanças⁶⁵.

CONCLUSÃO

O autor de Hebreus, de forma precisa, afirma que devemos nos aproximar do Santos dos Santos com toda a confiança (Hebreus 10:19), ou seja, com toda a intrepidez, ousadia (ou certeza). Esse é um grande incentivo para todos nós entendermos que a Lei Cerimonial já foi toda cumprida em Cristo Jesus e que agora o culto mudou. Não entramos mais no altar do Senhor com animais e sim pela fé no Cordeiro que cumpriu toda a lei e morreu em nosso lugar.

A forma de cultuar mudou, mas todos os seus princípios estão lá. Seja através dos sacramentos, da liturgia, dos louvores, da oração e da Palavra. Todos os elementos devem seguir o mesmo princípio da Antiga Aliança, afinal, sabemos que não existem dispensações e uma aliança entre Deus e os homens. Ainda existem sacrifícios, mas agora são “Sacrifícios de louvor”. Entender tal mudança é fundamental para que prestemos um culto agradável ao Senhor.

Salomão escreve em Eclesiastes 5:1 “Guarde o pé, quando você entrar na Casa de Deus. Chegar-se para ouvir é melhor do que oferecer um sacrifício de tolos, que fazem o mal sem se dar conta.” (NAA). Nesta passagem, vemos o quanto é benéfico para os nossos corações entender o que estamos fazendo na hora de cultuar. Adicionar elementos de culto e levá-lo a outro significado sem seguir os princípios bíblicos, é se aproximar de Deus como um tolo. É exatamente isso que um tolo faz: “fazem o mal sem se dar conta”, quantas pessoas acham que estão deixando Deus orgulhoso com a sua forma errada de

⁶⁴ HENRY'S, MATTHEW, Volume VI, p. 26.

⁶⁵ HENRY'S, MATTHEW, Volume VI, p. 26.

cultuar, muitos levantam a ira do Senhor sem nem perceber que estão praticando isso. Mas Deus leva o culto à sério: Lembremos de Caim e Abel, Nadabe e Abiú, lembremos dos vendedores do templo com Jesus.

Movimentos anti-institucionais como “igrejas por meio de células”, “igrejas em casas” ou os “desigrejados” deturpam a bíblica forma de prostrar-se diante de Deus por meio de um culto solene e racional. Essa nova tática vem trazendo mudanças na liturgia das igrejas, transformando cultos em um verdadeiro centro de confusão, onde a decência e a ordem não mais existem, além de tirar a liberdade da verdadeira e bíblica adoração a Deus. São novas heresias iguais a outras que tentam eliminar a eficácia da forma correta de prestar culto a Deus, por meio de Jesus, através do Espírito. O movimento da igreja em células, com toda sua estrutura bem articulada e planejada, consiste de um artifício moderno que jamais passou pela cabeça dos apóstolos. O método de evangelização proposto por esse movimento, também é totalmente estranho à evangelização apostólica.

A igreja de Deus é aquela que, não importando as circunstâncias, vai adotar o modelo bíblico de adorar a Deus. O culto bíblico é o segredo de uma igreja que de fato quer agradar ao Senhor. Independente de resultados estatísticos, se o modelo bíblico vai trazer mais ou menos membros em uma determinada região, a melhor forma de adorar a Deus é do modo como Ele quer ser adorado. Deus trabalha individualmente na vida de cada igreja. Para as instituições, Ele vai “lotar” de servos que o adorem corretamente, já em outras, manterá mais contidas numericamente, também para o louvor da Sua Glória, não importa a quantidade. Numa igreja que engrandece o nome de Deus, o crescimento espiritual é imensurável.

Quando a igreja passa a respeitar a Deus lhe entregando um culto correto, ela fica melhor no evangelismo, pois mostrará para os de fora a forma correta de adorar a Deus, levando a comunidade a um crescimento sólido e maduro. Só esse tipo de crescimento é capaz de sustentar a igreja nas adversidades da vida. Quando o membro atrai pessoas de fora da comunidade com promessas ou teorias contrárias à palavra de Deus, o indivíduo vai sustentar-se em algo mentiroso para adorar a Deus, quando não alcança tal objetivo, pois esse é o final da mentira, aquele indivíduo irá cair numa profunda decepção e desilusão. Tal situação não acontece quando atraímos as pessoas no evangelho bíblico, essa não é uma propaganda enganosa, onde prometo o que não posso cumprir. O verdadeiro evangelho, por exemplo, não promete que na vida não haverá sofrimento, porém garante força divina para suportarmos tais provações. Enquanto se vê em várias igrejas que pregam “o fim dos problemas” gerando milhares de pessoas frustradas, pois

foram levadas a adorar ao Senhor barganhando com Ele, ou seja, da forma errada e, conseqüentemente, contrária à realidade bíblica.

A forma correta de adorar ao Senhor irá melhorar nosso relacionamento com o próximo, também iremos entender o verdadeiro significado de “ser igreja”. No culto racional aprende-se a realizar tudo em coletividade, sem nenhum tipo de individualismo, nossos dons, reverência, atenção e concentração são usados a fim de adorar a Deus e também ajudar o próximo a adorá-lo com mais facilidade. Quando se entende como é importante um comportamento bíblico, neste momento solene colhemos os frutos de assimilarmos a mensagem do evangelho, o significado da letra dos louvores, isso irá nos fortalecer para a semana que se inicia e fará a glória de Deus refletir em nós. As pessoas de nossa casa, do trabalho, amigos e conhecidos irão perceber essa diferença, seja num pequeno gesto ou na forma divina que agimos diante de uma tribulação; como fomos usados por Deus para solucionarmos determinado problema. Porque, através da nossa atenção ao culto racional, podemos apreender o que Deus falou naquele momento e, assim, nosso espírito se fortalece. Isso reflete diretamente em nosso testemunho, ele é uma das portas que Deus abre a fim de falarmos do Amor dEle para as outras pessoas. Não estou dizendo que o testemunho é mais importante que o evangelho, de forma alguma, mas nossa conduta cristã pode ser um atrativo para pregarmos o que de fato converte. O evangelho, assim como um dom miraculoso era para os apóstolos e para Jesus, apenas uma aplicação do Poder de Deus, mas Seu Poder jamais suprirá ou se aproximará da força do evangelho, só este, de fato, converte.

Nossas vidas são impactadas diretamente, quando praticamos a forma correta de adorar a Deus. Entende-se mais de Sua Palavra, procura-se com afinco seu pleno Conhecimento, passa-se a querer buscá-lo ainda mais. Quanto mais conhecemos, mais se vê o quanto temos para conhecer dos mistérios da Palavra. Esse interesse só vem com uma verdadeira adoração, ela é o impulso para levantarmos nossas mãos no culto com sinceridade e inteireza de coração, a fim de declarar cada letra do louvor, ou de erguer nossas vozes na hora de proclamarmos os versículos da Bíblia, os Hinos passam a ser mais receptivos aos ouvidos, passamos a identificar nossa vida de santidade com o que está sendo lido, cantado ou proclamado numa pregação. Em meio a tribulações, Deus fala conosco de várias maneiras. Durante o culto somos fortalecidos espiritualmente. O prazer em adorá-lo vai aumentando a cada domingo, em prestar culto e agradecer, pedir misericórdia, confessar os pecados, proclamar publicamente que só Ele é digno de todo

Louvor e toda Glória. Isso só o culto verdadeiro pode me proporcionar, torno-me uma pessoa constante na igreja, na família, no trabalho e obrigações, no Senhor.

A igreja de Deus quando entende a importância em prestar um culto bíblico, ou seja, aquele que agrada ao Senhor, não irá, sob nenhuma circunstância, ignorar ou omitir Cristo em suas pregações e estudos. O Cordeiro que tira o pecado do mundo sempre estará presente no culto autêntico; Jesus sempre deverá ser lembrado e exaltado. Mas além disso, a Trindade deve sempre estar presente em nosso cotidiano devocional. As funções de cada elemento da trindade precisam estar claras na mente de cada irmão, pois o poder deles influencia em nossa agradável devoção a Deus, no momento que prestamos culto.

Quando valorizamos a Palavra, refletimos no que a letra de cada hino pode ser útil em nossa adoração, mostramos aos irmãos e também ao mundo o quanto somos privilegiados em ter a revelação do Espírito Santo em nossa vida de Culto. Quando a igreja entende qual é o verdadeiro foco de seu culto e onde encontrar a forma certa de adorar ao Senhor, não existem limites para o crescimento espiritual e testemunhal em cada irmão.

Não podemos deixar o pecado, que nos puxa contra o culto, dominar nossas mentes a ponto desse ser classificado como um mero ponto na agenda, que precisamos marcar como “feito”. Ser um cristão que valorize a adoração a Deus vai mais além que isso. Significa, apesar da exaustão semanal, ter ânimo dado pelo Espírito para adorar a Deus em seu dia. Com a consciência limpa, plena que está obedecendo a um importante mandamento, e seguindo um princípio que o próprio Deus nos ensinou desde a Criação. Isso nos dá perseverança, alegria. Praticando da forma certa, nos dará uma saudável dependência espiritual em prestar culto a Deus a ponto de, pela Graça, nos sentirmos realizados com o cumprimento deste mandamento em nossa rotina semanal.

Uma igreja que entende e pratica essas verdades, passa pela tribulação com muito mais “trigo” e vigor que outras instituições que se dizem igreja, mas nunca entenderam como ser uma comunidade guiada por Deus. Quem entende as verdades bíblicas aprende, e depois pratica para a Honra e Glória de Deus, sendo um atributo dado pelo próprio Deus, pois tudo vem dEle. Amém!

ABSTRACT

This article aims to analyze the theme present in the chapter on religious worship in the Westminster Confession of Faith. The article analyzes the acceptable form of cult

worship in the light of the Scriptures, as well as proposes to identify the elements of worship and their use in the context of the Old and New Covenants.

KEYWORDS

Cult; Worship; Sacraments; Liturgy; Principle; Order.

BIBLIOGRAFIA:

BAUMAN, Zygmunt. Tempos Líquidos. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BRAICK, Patrícia Ramos. Estudar História: das origens do homem à era digital. São Paulo: Moderna, 2011.

CALVINO, João. 1Coríntios; tradução: Valter Graciano Martins- 2º Edição- São Bernardo do Campo, São Paulo. Edições Parakletos, 2003.

CALVINO, João. As Institutas. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989.

CALVINO, JOÃO. O livro dos Salmos. Volume I. 1ª Edição. Edições Paracletos. São Paulo, 1999.

Cf. GEORGE, Timothy. Teologia dos Reformadores. São Paulo: Vida Nova, 1994.

CIAMPA, Roy E. E ROSNER, Brian S. Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento. Organizado por G.K. Beale e D. A. Carson; tradução de C.E.S. Lopes, F. Medeiros, R. Malkomes e V. Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. O culto Cristão na Perspectiva de Calvino. São Paulo: Instituto Presbiteriano Mackenzie, 2003.

D.B. Wallace, Greek Grammar Beyond the Basics, p.546 e A.T. Robertson, Grammar of the Greek New Testament.

FEE, Gordon. 1 Coríntios: Comentário Exegético. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo. Vida Nova, 2019.

GOLDINGAY, JOHN. “Pentateuco para todos: Êxodo e Levítico”. Tradução: José Fernando Cristófaló. 1ª Edição. Rio de Janeiro. Thomas Nelson, 2021.

GUTHRIE. George H. Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento. Organizado por G.K. Beale e D. A. Carson; tradução de C.E.S. Lopes, F. Medeiros, R. Malkomes e V. Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014.

HENRY’S, MATTHEW. Commentary on the whole Bible. Volume I. Acts to Revelation. Casa Publicadora das Assembléias de Deus, RJ. 2008.

HENRY’S, MATTHEW. Commentary on the whole Bible. Volume III. Acts to Revelation. Casa Publicadora das Assembléias de Deus, RJ. 2008.

HENRY’S, MATTHEW. Commentary on the whole Bible. Volume VI. Acts to Revelation. Casa Publicadora das Assembléias de Deus, RJ, 2008.

HEWISON , J. King. The Covenanters (Glasgow: 1908), vol. 1.

HYDE, Daniel R. O que é o culto reformado? Os Puritanos. São Paulo, 2012.

JOHNSON, L. TERRY. Adoração Reformada. A adoração que é de acordo com as Escrituras. São Paulo: Puritanos, 2001.

KISTEMAKER, Simon. 1 Coríntios. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004. Tradução de Helen Hope Gordon da Silva.

KISTEMAKER, SIMON. Comentário do Novo Testamento, Exposição de Hebreus; traduzido por Marcelo Tolentino e Paulo Arantes. 2ª Edição. São Paulo. Cultura Cristã, 2013.

LLOYD-JONES, David Martyn. Um sumo sacerdote misericordioso e fiel: estudos no livro de Hebreus. Tradução de Marisa K. A. De Siqueira, São Paulo, Vida Nova, 2020.

LOPES, AUGUSTUS NICODEMUS. Interpretando a Carta aos Hebreus. São Paulo. Cultura Cristã, 2016.

LUTERO, Martinho. The Precious and Sacred Writings of Martin Luther, volume 10 (Minneapolis: Lutherans in All Lands, 1905). Tradução: Lucas Macedo.

RAYBURN, Robert G. O Come. Let Us Worship. Grand Rapids: Baker, 1980.

VELOSO, MARIO. Romanos: contando o significado do evangelho. Tradução Lucinda dos Rei Oliveira. Tatuí, SP. Casa Publicadora do Brasil, 2011.

WALLACE, Daniel B. Gramática grega além do básico: uma sintaxe exegética do Novo Testamento. Harper Collins, 1996.

WATSON, Thomas. A Body of Divinity (London: Passmore & Alabaster, [1692]1881).

WRIGHT, Nicholas Thomas. Hebrews for Everyone. Westminster John Knox Press, 2004.